

Sistemas de circulação, emoções e presentismo: três visões sobre o discurso de ódio a partir a partir dos ataques a jornalistas no Brasil

Edson Capoano - UMinho

Vítor de Sousa - UTAD

Vinícius Prates - UPM

A polarização ideológica brasileira e as práticas comunicativas da esfera política têm gerado um ambiente tóxico e perigoso aos jornalistas brasileiros e às suas instituições. Desde a ascensão do presidente Jair Messias Bolsonaro como presidente da República (2019-2022), entretanto, o cenário se agravou, com produção sistemática de difamação a opositores do governo, entre eles jornalistas; ataques a empresas de comunicação e descredibilização de suas notícias; desinformação e *fake news* sobre fatos noticiados e apresentação da imprensa como inimiga do Brasil.

Desde no dia de sua posse presidencial, a 01/01/2019, impôs aos jornalistas que cobriram o evento a esperar horas em uma sala sem estrutura – água, comida ou cadeiras – até que fossem liberados pela equipe de segurança. Em outros eventos públicos, proibiu a entrada de repórteres dos principais veículos do país, silenciou perguntas durante coletivas com expressões violentas e permitiu que seguranças presidenciais agredissem jornalistas. Tais eventos circularam pelas redes sociais, através dos canais dos apoiadores do presidente, dando a entender que uma nova era havia começado contra os opositores do governo, os jornalistas e o jornalismo. Desde que assumiu a presidência da República, adotou postura contrária ao trabalho da imprensa, como ao evitar dar entrevistas a jornalistas de grande mídia, ao adotar o Twitter como canal de comunicação sem mediação jornalística e ao dar declarações sempre cercado de adeptos, que pressionam os repórteres com mensagens de ódio ou ameaça de violência física.

Nas redes sociais digitais, Jair Bolsonaro conta com uma estrutura paralela à comunicação oficial do governo, composta por publicações na web por seus três filhos políticos, membros e órgãos do governo e por utilizadores que atuam nas redes sociais. Conhecida como “Gabinete do Ódio” e regularmente noticiada na imprensa brasileira, trata-se de uma rede de produtores de contra-informação sobre o que é divulgado na imprensa, composta por funcionários e estrutura governamentais e coordenada por seu filho Carlos Bolsonaro.

O grupo Globo de Comunicação, o maior do Brasil e autor do noticiário de maior audiência da TV brasileira, são os maiores alvos dos ataques nas redes sociais digitais. A expressão

Globalixio, popularizada pelo filho do presidente, Eduardo Bolsonaro, circula em redes sociais e aplicativos de mensagens através de memes e vídeos (figuras 1 e 2). O presidente também utiliza seu canal no Twitter para ataques a jornalistas, durante transmissões em directo (figura 3).

A mídia também foi relacionada à má avaliação do presidente pelos apoiadores do presidente, sendo acusada de tentar derrubar o governo, após divulgação de pesquisas onde população avaliava como ruim/péssima a gestão da crise pandêmica pelo governo Bolsonaro. Em 2020, pesquisa do DataFolha registrou que 79% dos entrevistados achava que a pandemia estava fora de controle no Brasil.

Relatório do Repórteres Sem Fronteiras (RSF, 2021) dá conta de que as condições de trabalho dos jornalistas se deterioraram consideravelmente por causa da constante pressão do presidente e de seus aliados. Durante a pandemia de covid-19, os jornalistas foram acusados de atrapalhar o governo de Bolsonaro, ao informar número de mortos e infectados, o estímulo ao uso de máscaras e ao afastamento social, e finalmente o apoio à vacinação, todas práticas questionadas pelo presidente. Bolsonaro então os acusou como inimigos da população em suas declarações em redes sociais, tendo grande repercussão perante seus seguidores.

Em 2022, a Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo - Abraji- lançou a primeira edição de um relatório de monitoramento de ataques a jornalistas no Brasil, com dados do ano anterior. Nele, constam que foram registrados 453 ataques contra comunicadores e meios de comunicação (cujas tipologias de ataque estão na figura 4). Em 69% dos casos, a agressão foi provocada por agentes estatais (entre eles os filhos parlamentares filhos do presidente e ministros do governo, figura 5). Apenas o presidente do Brasil, Jair Bolsonaro, atacou a imprensa 89 vezes, representando 19,64% do total. Junto aos ministros, assessores e filhos de Bolsonaro, alcançaram-se 55% dos ataques totais, e quando totalizados os ataques de apoiadores e manifestantes em eventos favoráveis ao presidente, chega-se a 271 – 60% dos registros totais (Abraji, 2022).

Segundo a instituição Repórteres Sem Fronteiras (2021), os ataques a jornalistas se intensificam sobre as profissionais femininas (figura 6), que têm sido alvo de agressões verbais pelo presidente e de discurso de ódio pelos seus seguidores, tanto em coletivas de imprensa quanto via redes sociais digitais (figuras 7 a 10). Dentre os vários casos, a 23 de outubro de 2020, o presidente brasileiro ameaçou jornalista de agressão (“minha vontade é encher tua boca de porrada”), quando indagado sobre suposto envolvimento de sua esposa com crime de corrupção; a 21/06/21, mandou uma repórter que “calasse a boca” quando indagado sobre

multa que recebeu por não usar máscara durante visita ao Estado de São Paulo, retirando a máscara novamente, agora para criticar a empresa, o Grupo Globo de comunicação, e seus profissionais. a 04/04/2022, o filho do presidente, Eduardo Bolsonaro, atacou jornalista que criticou o governo do pai, referindo-se ao período que a profissional foi torturada durante a ditadura militar brasileira (figura 11).

O discurso de ódio se acentuou durante período eleitoral brasileiro, segundo a Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo – ABRAJI. A entidade contabilizou aumento de 250% de ataques a mulheres jornalistas em setembro de 2022, comparação ao mês anterior, e 47,7% em comparação a setembro de 2021; 63% dos casos estavam diretamente ligados à cobertura de eventos eleitorais e 50% dos ataques foram provindos de políticos e funcionários do governo; 67,9% dos discursos de ódio se baseavam em estigmatização e 64,3% dos casos teve origem ou repercussão no ambiente on-line.

A 06/09/2022, Bolsonaro chamou jornalista de leviana e que não devia questioná-lo pois “seu marido votava nele”, quando questionado sobre prática da sua família de comprar imóveis com dinheiro vivo, segundo reportagem investigativa do jornal Folha de S. Paulo; sobre a autora da mencionada reportagem investigativa -Juliana Dal Piva e seu trabalho, “A Vida Secreta de Jair” (UOL)-, afirmou nas redes sociais que o motivo da reportagem seria “falta de sexo” em sua vida; no primeiro debate presidencial de 2022, negou responder perguntas da jornalista mediadora do evento, Vera Magalhães, afirmando que ela “sonharia com ele” e que ela a “vergonha da categoria”. Dias depois, a 13/09/22, a mesma jornalista foi novamente atacada durante realização de debate, agora por correligionário do presidente Bolsonaro, que fazia uma transmissão em directo onde também dizia que ela “a vergonha da categoria”.

Esses são alguns dos casos dos muitos perpetrados pelo presidente brasileiro contra o jornalismo e jornalistas. Entretanto, tal estratégia de comunicação baseada no discurso de ódio é aplicada a diversos outros grupos e indivíduos, como com ativistas ambientais, artistas, indígenas, comunicadores independentes e *influencers*, comunidade lésbica, gay, bissexual, transexual e queer – LGBTQIA+, ex-correligionários, chefes do Parlamento, representantes da oposição ao governo e juízes do Superior Tribunal Federal –STF, entre outros.

Concomitante aos temas e alvos do discurso de ódio bolsonarista, a forma de circulação do discurso varia, entre as declarações do presidente à imprensa profissional, participação em debates digitais com influencers, uso de canais em plataformas sociais digitais e circulação de mensagens a comunidades digitais, através de compartilhamento orgânico de apoiadores,

impulsionado por valores pagos às plataformas ou por perfis falsos e bots de disparo massivo de mensagens. Trata-se de um circuito, como será abordado a seguir.

Este texto parte do (triste) caso brasileiro para refletir como chegamos até aqui como indivíduos, comunicadores e sociedade e quais são as características dessa chaga cultural contemporânea. Para isso, vamos apresentar três perspectivas sobre o discurso de ódio para compreender o fenômeno de forma interdisciplinar.

A primeira será a esfera individual e biológica, sobre os gatilhos neurológicos da raiva, emoção que sustenta o discurso de ódio, tema tão caro às ciências sociais que ocasionou a chamada virada emocional no campo. A seguir, será apresentada a questão sistêmica do circuito de ódio das narrativas em ambientes comunicacionais, como estas surgem, como se propagam pelos suportes de informação em rede como se retroalimentam entre conteúdos entrecruzados. Finalmente, ampliaremos o debate para a questão do presentismo histórico, fenômeno da pós-modernidade que torna o discurso heterogêneo algo ameaçador aos grupos homogeneizantes, sem espaços para nuances históricas necessárias para a compreensão de temas complexos, simplificados pelo discurso de ódio, que circulam na velocidade das redes sociais digitais.

Com essa abordagem, esperamos compreender melhor o que são os motivadores do discurso de ódio, como os relatados no início deste texto, e talvez compreender como parar essa espiral de violência narrativa que acomete a sociedade do (des)conhecimento.

1. O sistema de circulação dos discursos de ódio

Com a disseminação das tecnologias de comunicação em rede, houve, num primeiro momento, na virada do milênio, uma euforia com as novas perspectivas de democratização da fala que elas poderiam propiciar. Entretanto, se de fato houve imensos avanços de fato nas possibilidades de interação a partir da difusão de tecnologias de comunicação, também é verdade que advieram uma série de efeitos deletérios que não podem ser desconsiderados. Dentre eles estão a proliferação de notícias falsas, *fake news*, que emulam a linguagem jornalística para levar ao engano (Prates, 2023, no prelo), e também, de maneira correlata, intensificação dos circuitos de ódio.

A proliferação dos discursos de ódio nas redes sociotécnicas entrou numa espiral ascendente na última década (Pereira, Prado & Prates, 2022), sendo que o ambiente no qual eles se inserem é da circulação de conteúdos (Braga, 2012; Fausto Neto, 2019). Justamente é este o sistema que rompe os tradicionais polos de emissão e recepção que caracterizavam os meios de

comunicação de massa conforme foram descritos no século 20. Desapareceram as figuras tradicionais do “emissor” e “receptor” como as entendiam as teorizações da comunicação sobre a sociedade de massa: um processo unidirecional no qual, em uma das pontas, o emissor, em número reduzido, era aquele que produzia os sentidos e, na outra ponta, havia um grande número de pessoas assujeitadas a este procedimento, cuja diversidade era transformada em homogeneidade, passando a constituir-se em “massa”.

A comunicação no atual estágio do capitalismo comunicacional (Prado; Prates, 2017), se dá, por sua vez, em fluxos contínuos, sempre direcionados adiante, num sistema de “circulação”. Dito de outra maneira, não há mais o polo da emissão e da recepção, uma vez que todos os “receptores” são por sua vez também “emissores”. Fausto Neto (2019, online) chama este cenário das redes sociais de “estratégias de contato”, nos quais os interatores buscam explorar as novas condições de interface para maximizar sua interpenetração. Dessa forma, a comunicação em fluxo não forma um circuito simples, fechado, mas continuamente direcionado adiante. Segundo Braga (2012, p. 49). Tradução nossa), os agentes que tradicionalmente eram apenas receptores, agora voltam a colocar em circulação as respostas, não redirecionadas ao emissor, mas inserindo-as num espaço social em processos difusos.

1.2. Antagonismos e circuitos de ódio

Este sistema de circulação, no qual os actantes se difratam rompendo os polos de emissão e recepção, engendra – a partir de uma disseminação – a possibilidade do estabelecimento de circuitos afetivos complexos. Neste “circuito ampliado”, os conteúdos se entrecruzam, ora em homologação e reconhecimento, ora de antagonismo e recusa. É este o ambiente da polarização política, que fecha um “circuito do ódio” (Pereira & Prado; Prates, 2022).

Ele sobrevém a partir do rompimento de um “contrato fiduciário”. Que contrato é esse, que se foi? O da “esfera pública”, dentro do qual a troca de sentidos cria uma intersubjetividade que propicia a produção de “verdades” (Habermas, 2014). Nas sociedades liberais democráticas, esse espaço de interincompreensão regrada (Maingueneau, 2005), é cristalizado em instituições: a política partidária, a universidade – mas sobretudo na imprensa. Este é basicamente o esquema “iluminista”, no qual a difusão do conhecimento é tida como solução para todos os males, e no qual o jornalismo tem um papel de destinador sancionador, o “quarto poder” capaz de vigiar os outros poderes e inseri-los em padrões axiológicos baseados no interesse público.

No entanto, justamente os que deveriam garantir a existência do contrato, são figurativizados como enganadoras. Não é necessário, é preciso deixar claro, que precisemos concordar com o entendimento político de que a imprensa “mente”, rompeu o contrato de comunicação proposto. Não há julgamento nesse caso, mas apenas a observação dos papéis actanciais na economia das trocas simbólicas. Tampouco é necessário, a partir da instauração dos sujeitos do discurso, que de fato uma promessa concreta tenha sido estabelecida, para em seguida ser quebrada: “Trata-se da construção de simulacros, desses objetos imaginários que o sujeito projeta para fora de si e que, mesmo sem ter qualquer fundamento intersubjetivo, determinam, de maneira eficaz, o comportamento intersubjetivo considerado como tal” (Greimas, 2014, p. 238).

O sujeito assim convocado pelos discursos de ódio sente-se frustrado, porque “enganado” por aqueles que deveriam demonstrar boas intenções para participar da troca linguageira na esfera pública (Pereira & Prates, 2022). Frustra-se então, porque está privado de um bem ou de uma vantagem com os quais acreditava poder contar, mas por intermédio de um outro (Greimas, 2014, p. 235). Isso pode ser dito segundo a seguinte fórmula: *o sujeito da espera manifesta um querer-ser que depende do sujeito da ação; este sujeito da espera, portanto, atribui ao sujeito da ação um dever-fazer, colocá-lo em conjunção com um objeto de valor* (Pereira & Prates, 2022). O descontentamento que se segue é descrito assim:

À insatisfação que surge após a não atribuição do objeto de valor se soma eventualmente outra espécie de mal-estar, decorrente de comportamento do sujeito de fazer, que é interpretado como não conforme à espera. Como esse comportamento, que aos olhos do sujeito da espera fiduciária está modalizado por um dever-fazer, não se realiza, o crer do sujeito de estado se revela de súbito injustificado. A decepção que resulta daí é uma crise de confiança de um duplo ponto de vista, não somente porque o sujeito 2 frustrou a confiança que tinha sido depositada nele, mas também – e talvez sobretudo – por que o sujeito 1 pode se culpar pela confiança mal depositada. [...] Essas duas formas de disforia, em conjunto, são provocadas pela “frustração” e constituem, segundo os dicionários, o “vivo descontentamento” que conduz à explosão da cólera (Greimas, 2014, p. 241).

Aquilo que houvera sido benevolência, a confiança depositada no contrato entre sujeitos, cede lugar à malevolência, e partir dela há uma nova regência para as relações, ascendendo a polêmica e finalmente o antagonismo. O ódio, a partir de então, pode se difratar em dois programas: ou a exacerbação que domina o sujeito e se manifesta como cólera; ou então um programa mais bem organizado, de vingança. Se prevalece este último, o sujeito da espera será transformado em sujeito da ação para infringir o mal de volta àquele que o provocou, e promover assim uma espécie – se assim podemos dizer – de homeostase, de encontro de um equilíbrio perdido.

No caso da polarização, é particularmente pertinente o regime semiótico da exclusão, conforme o define Zilbelberg & Fontanille. Para os autores, é possível haver dois regimes de valência, o princípio da exclusão e o princípio da participação, que convocam valores dois a dois:

O regime da exclusão tem por operador a triagem e, se o processo atinge seu termo, leva à confrontação contensiva do exclusivo e do excluído e, para as culturas e as semióticas que são dirigidas por esse regime, à confrontação do “puro” e do “impuro”. O regime de participação tem por operador a mistura e produz a confrontação distensiva do igual e do desigual: no caso da igualdade, as grandezas são intercambiáveis, enquanto no da desigualdade, as grandezas se opõem como “superior” e “inferior” (Zilbelberg & Fontanille, 2001, p. 28-29, *itálicos dos autores*).

O regime de exclusão tem como operador uma disjunção, ou seja, uma relação na qual se deve escolher um dos polos antagonicos, e aparece como uma proposição “ou...ou” (Zilbelberg & Fontanille, 2001, p. 27). Assim, as tentativas de melhoria e aproximação entre os lados ficam sempre prejudicadas, e o registro é da pejoração mútua entre as partes. Um processo durativo de colocação em discurso de enunciados de pejoração cria, como antagonistas inconciliáveis, o Outro inimigo que deve ser afastado ou eliminado, ao mesmo tempo em que reforça as identificações de pertencimento, do Mesmo (Prado & Prates, 2019).

Assim, fica estabelecido um circuito no qual há, num primeiro momento, o depósito de confiança no contrato fiduciário da imprensa / esta confiança é rompida, gerando frustração / a frustração transforma-se em malevolência, que pode derivar para um registro de cólera, ou um regime durativo de vingança. Estes são os sentidos dos circuitos de ódio, que se volta como cólera ou como vingança ao sujeito da ação: partidos, instituições científicas, universidades, e

sobretudo imprensa, que deveriam ter garantido o ponto de vista do sujeito da espera a coesão do contrato fiduciário de comunicação. Entranhado no sistema de circulação das redes sociotécnicas, os circuitos de ódio seguem adiante, difratando-se e penetrando os espaços discursivos.

2. A virada emocional das ciências sociais

Com o esclarecimento cada vez maior do funcionamento das emoções e sentimentos nos indivíduos, outras áreas científicas além das ciências biológicas começaram a voltar-se para tal objeto e confrontá-lo com seus próprios objetos de estudo. A sociologia, por exemplo, que discute há mais de um século a sociologia das emoções, define como política sociológica das emoções (Barbalet, 2002; Demertzis, 2006) disciplina que reconhece a centralidade da emoção e o papel dos sentimentos individuais na política. Nesse contexto, o estudo das emoções dentro das ciências sociais tem funcionalidade óbvia para compreender o discurso de ódio.

Essa abordagem e tantas outras provém de movimento as ciências sociais que, no final da década de 1990 e início do século XXI, superaram uma barreira epistemológica ao considerar as emoções não como um subproduto da razão, mas como constitutivas do pensamento lógico científico, cujo movimento foi denominado virada emocional.

Por sua vez, a crítica do pós-estruturalismo à reafirmação de um modelo de mundo binário, que mantém as emoções como oposição da razão, reafirma sua preocupação com a “morte do sujeito” (Terada, 2001, p. 3) na pós-modernidade. Clough (2008) pede uma “virada afetiva com a ajuda das emoções” (2008, p. 1), uma forma de se afetar, desconstruir-se e auto-organizar-se diante das demandas contemporâneas:

A crescente importância do afeto como foco de análise em uma série de discursos disciplinares e interdisciplinares ocorre em um momento em que a teoria crítica é confrontada com os desafios analíticos da guerra, trauma, tortura, massacre e luta contra a violência. Se esses eventos mundiais podem ser considerados sintomáticos de transformações políticas, econômicas e culturais em curso, a virada para o afeto pode estar registrando uma mudança no funcionamento do político, econômico e cultural. (Clough & Halley, 2020, p. 1)

A virada emocional não tenta investigar os significados das emoções nas sociedades - como faz a Antropologia Social -, mas compreender o que o discurso emocional comunica, seja ele verbal ou não verbal, consciente ou inconsciente (Athanasίου et al., 2008, p. 10). Dessa forma,

a virada emocional aproxima-se da perspectiva pós-moderna, pois desconstrói o sujeito moderno (que nega afetividades e emoções por sua fundamentação cartesiana) e, em vez disso, propõe um sujeito com múltiplas modernidades (a partir de suas intimidades) (2008, p. 14). É uma virada afetiva para a teoria crítica, no sentido de colocar a atuação do sujeito no centro do debate sobre o meio social que o compõe e do qual é composto.

De fato, afeto e emoção são forças motrizes nas sociedades contemporâneas. Mas devido a uma vida contemporânea desenvolvida segundo os valores do capitalismo tardio (Jameson, 1991), surge o ressentimento, uma sensação difusa de impotência e desejo de reações precipitadas sob forma de identidade política e étnica (Demertzis, 2006, p. 104). O que Betz (2002) chama de ressentimento, “em total semelhança com a raiva, envolve um intenso sentimento de frustração, dano ilegítimo, a identificação de um agente responsável e o desejo de retaliar” (2002, 198), também é identificado por Fukuyama (2018) como a “era da política do ressentimento” (2018, p. 25), ao identificar que um dos motivadores políticos do ser humano contemporâneo deriva das emoções. Uma espécie de raiva moral (Demertzis, 2006), espécie de “oposição emocional a situações desiguais e injustas” (2006, p. 105), o que implica culpa legítima atribuição e promove a ação contra o infrator (Rico et al., 2017).

Um dos agregadores do ressentimento popular e sua utilização sob forma de discurso de ódio é o populismo, um movimento emocional (Fieschi, 2004), cuja característica para obtenção de apoio a políticas se dá pela manipulação de sentimentos negativos particulares (Muller, 2016). Nesse quadro, a raiva pode se materializar sob forma física ou pela narrativa, como no discurso de ódio.

A raiva motiva uma pessoa a tomar ação contra o agente responsável, promovendo assim uma resposta corretiva. Mais especificamente, a reação do cidadão irado é de confronto, não deliberativo, de tal forma que novas considerações são evitadas em favor de condenações anteriores (...) Ao desencadear a confiança dos indivíduos em crenças pré-existentes, a raiva - particularmente quando eliciada por questões públicas - poderia, assim, ser um fator na ativação dessas atitudes latentes e amplamente disseminadas em relação à política. (Rico, Guinjoan, & Anduiza, 2017, pp. 447; 449)

2.2. As emoções e a raiva no discurso

Para se debater o discurso de ódio nos média, também faz sentido relacionar tal fenômeno cultural aos fenômenos biológicos que o sustentam, as emoções e sentimentos humanos.

Para as neurociências, as emoções são respostas do sistema cerebral, quando regiões específicas combinadas resultam em reações como raiva, medo, surpresa ou alegria (Damasio, 2018, p. 158). Já os sentimentos são catalisadores humanos para a ação, os motivadores para um indivíduo reagir a um estímulo externo. Eles também são responsáveis pela via inversa, quando monitoram o sucesso dessa reação, fazendo com que o indivíduo sinta pelo corpo se a resposta a um estímulo foi bem-sucedida ou não de acordo com suas intenções (2018, pp. 22; 31). Assim, enquanto as emoções são ações acompanhadas de ideias e formas de pensar, os sentimentos são percepções que o corpo faz durante a emoção (2018, p. 143), alterando, desta forma, as decisões racionais (2018, p. 163). O temperamento, a personalidade e o caráter, assim como a formação sociocultural e o ambiente ao qual se relacionam, compõem o sistema que irá modular a reação emocional, ao alterar os pesos e medidas das emoções e sentimentos em cada indivíduo.

Segundo Damásio (2018), as emoções dividem-se entre emoções universais, de fundo e emoções sociais. As primeiras – antigamente denominadas de “baixas”, por se referirem mais ao instinto humano de se defender de ameaças, como medo, ansiedade e alerta - vêm do sistema límbico. Elas desencadeiam o segundo tipo de emoções, as de fundo, que estão escondidas no comportamento humano e servem como motivadores internos para a ação e para emoções universais, como entusiasmo e raiva. Finalmente, as emoções sociais são fenômenos “recentes”, de acordo com a evolução do cérebro humano -assim como a parte do cérebro que os gera, o neocórtex- e as organizações sociais que os desenvolveram. São consideradas as emoções que mais definem o ser humano - portanto, também denominadas como emoções elevadas, como admiração, contentamento e moralidade (2018, p. 158-161).

As emoções ligam-se aos sentimentos pois estes são “a experiência de determinados aspetos do estado da vida de um organismo” (Damásio, 2017, p. 151). Pois os processos cerebrais que compõem as emoções prolongam-se para o resto do corpo humano, materializando-se nos órgãos e músculos, através da ativação desses pelos neurotransmissores, como já mencionado. Assim, pode-se dizer que os sentimentos fazem o indivíduo sentir a emoção corporalmente, da mesma forma que o corpo auxilia na elaboração da emoção em sentimento.

Nesse contexto, os sentimentos são sistemas internos de geração de conteúdo, pois produzem reações corporais que podem ser exteriorizadas por meio das emoções e, na outra ponta do modelo, são sistemas que recebem emoções externas e as assimilam corporalmente, traduzindo o ambiente externo para o receptor. As emoções já são a ferramenta comunicativa que traduz as informações internas em códigos universais (raiva, alegria, tristeza, medo, surpresa, raiva, etc.), que também são recebidos pelo receptor através das emoções (nem sempre iguais ou iguais). forma como a produzida pelo emissor, já que o processo emocional é individual) e, por fim, são sentidos dentro do corpo, traduzindo-se no sistema nervoso e migrando para o cérebro, influenciando a tomada de decisões. E o fazem com grande influência, pois “segundo o imperativo evolutivo, o mais velho é mais forte. Novos sistemas raramente subordinam os mais antigos e mais poderosos. Portanto, o cérebro emocional (sistema límbico) é um dos sistemas que geralmente prevalece na luta contra o córtex cerebral” (McCroskey & Beatty, 2000, p. 4).

2.3. A raiva

Nesse quadro, a raiva é um elemento emocional disparado pelos circuitos mais primitivos do cérebro humano. É responsável por uma resposta fisiológica ligada à sobrevivência, que estimula a lutar ou a fugir ao estímulo que ocasionou a raiva no indivíduo. Sabe-se que a raiva está ligada ao sistema límbico, como a amígdala, onde seria gerada, e ao córtex pré-frontal, que regularia o impulso corporal desta emoção. Aliás, esta parte do cérebro, quando lesionada, pode diminuir a capacidade de controle da raiva, da irritabilidade e da agressividade.

Os efeitos da raiva ocorrem de forma distinta de pessoa para pessoa, mas costumam perdurar até que a suposta ameaça percebida pelo indivíduo não estimule mais os fenômenos fisiológicos anteriormente citados. Graças à liberação de hormônios neurotransmissores como a adrenalina e a noradrenalina, o rosto da pessoa imbuída de raiva pode ruborizar-se, a pele gerar sudorese, os batimentos cardíacos aumentarem e a respiração tornar-se mais curta.

Tal emoção - também chamada de ira ou cólera, a depender do período histórico em que foi registrada-, é provocada por elementos reais e materiais, como o perigo e a ameaça físicas, ou por elementos mentais e subjetivos, como a frustração pessoal ou percepção subjetiva do mal. Assim como sua manifestação é inata nos indivíduos, o uso da raiva como ferramenta também é culturalmente universal, na maioria das vezes controlada para obtenção de vantagens perante outros indivíduos ou grupos. Da mesma forma, a raiva é utilizada por instituições sociais

coletivas, quando controlada e aplicada em situações específicas, bem como instrumentalizada e imaterializada contra grupos alheios ao qual se pertence. Tal qual o discurso de ódio.

Já que o mecanismo ativador da raiva não é apenas biológico, mas sócio-cultural, a educação individual e o ambiente coletivo podem moldar a propensão de se sentir e reagir à raiva. Por isso, não há consenso de que a constituição dessa emoção (bem como a das demais) seja totalmente inata. Nesse quadro, é possível inferir a manipulação dessa emoção primária para o fim do discurso de ódio, pois a emoção ódio é uma elaboração social da raiva, por isso também chamado de emoção secundária ou emoção social.

O discurso de ódio, portanto, utiliza os sistemas cerebrais da raiva, emoção primária, para captar a atenção dos receptores através do sistema biológico de defesa/fuga que ativa a atenção dos indivíduos. Além disso, o discurso de ódio ativa reações corporais e mentais que elaboram o sentimento de ódio, realizados através de narrativas. *O discurso de ódio seria o “adestramento” da raiva, através da narrativa.*

3. O presentismo e os novos média

O timbre do debate público contemporâneo inscreve-se unicamente no presente, para onde todos estamos convocados (Martins, 2011). A este propósito, o escritor Javier Cercas alerta para se não simplificar o presente ao ponto de deixar de o compreender. Numa entrevista ao *Expresso*, sustenta que o que não é de hoje, já é passado e o que se passou há três semanas, pré-história. Trata-se de uma situação que cria uma visão totalmente falsificada da realidade, porque, na realidade, o passado é uma dimensão ativa do presente, sem a qual o presente está mutilado (Leiderfarb, 2020). O que convoca a ideia de “presentismo”, conceito cunhado por François Hartog (2003) e que assenta na ideia de que existe o risco de que tudo que é da história se comprima em história contemporânea, como acontece na contemporaneidade. O “regime moderno de historicidade” teria sido quebrado por volta de 1989 com a ideia de “fim da história”, de Francis Fukuyama, “seguramente uma cesura do tempo” (Hartog, 2003, p. 188), ficando para trás ficam as ideias de Koselleck, sobre a tendência do afastamento da modernidade em relação à experiência e à expectativa, que se configuram enquanto “os principais traços desse presente multiforme e multívoco: um presente monstro. É ao mesmo tempo tudo (só há presente) e quase nada (a tirania do imediato)” (Hartog, 2003, p. 259).

Líderes políticos aproveitam a dinâmica de presentismo, em que tudo o que emerge na sociedade, parece ter começado hoje não havendo um histórico que contextualize os procedimentos. O que quer dizer que a simultaneidade terá sido responsável por um novo

regime de historicidade, uma espécie de presente contínuo, caracterizado pela aceleração, e em que o presente e o passado se dão a mostrar de forma disruptiva. É nesse quadro que Enzo Traverso (*Observing Memories*, 2018) sublinha a urgência em libertar o presentismo da sua gaiola – como se produzisse um mundo trancado no presente sem capacidade de olhar para o futuro – acomodando as memórias existentes.

Paul Ricœur (2000) estabelece uma ligação necessária entre a memória e a história, admitindo que o estudo histórico põe em cena o trabalho da memória. Trata-se, no entanto, de um processo contraditório, pois tanto seleciona e transforma experiências anteriores para se ajustarem a novos usos, como pratica o esquecimento, a única forma de dar lugar ao presente.

Luciana Soutelo olha para Nora e Harrtg e, juntando as perspetivas de ambos, conclui que “presentismo e memória-prótese constituem (...) as chaves explicativas para compreender a cultura da memória de finais do século XX” (Soutelo, 2015, p. 25).

De resto, a história não deve ser pensada de forma linear, mas que olha de forma retroativa para os factos que estão no cerne da reflexão dialética, em sentido do conhecimento dito absoluto. O que assenta na ideia de Hegel (2018), de que a verdade não é estática, mas resulta da consciência dos momentos contraditórios que se superam num movimento dialético, em direção ao conhecimento “absoluto”. (Jerónimo e Monteiro, 2020). Como bem sintetizam os mesmos autores, não se vislumbram sinais de melhorias, com os “trombeteiros” a continuarem “entusiasmados, à sexta e ao sábado, com plena consciência de contribuírem para agudizar o que dizem pomposamente querer transformar, isto é, a qualidade do debate público” (Jerónimo e Monteiro, 2020, p. 10).

O que nos leva, segundo Pierre Bourdieu, à ideia de “doxosofo”, por excelência “o especialista da doxa, opinião e aparência, erudito aparente e erudito da aparência, perfeitamente preparado para dar as aparências da ciência num terreno onde a aparência serve sempre as aparências” (Bourdieu, 1997, p. 27). E, não obstante, como assinala Rémy Rieffel (2003, p. 106), a expressão “cultura mosaico” parecer traduzir de forma fiel a relação entre os media e a cultura, mesmo que não faça “nenhum juízo precipitado sobre qualquer uniformização do pensamento ou qualquer desperdício de sentido”, ficando a anos-luz da ideia de Hommi Bhabha, sobre a cultura como lugar de testemunha. A instrumentalização das redes sociais, sublinha a ideia inscrita no livro de George Orwell, *1984* (2021), de que quem controla o presente, pode criar o passado e, assim, encaixando-se no presente, pode controlar o futuro. O que se trata de uma engenharia do pensamento muito perigosa, nomeadamente para servir de pasto ao discurso do ódio que, de dia para dia, vem incrementando as trocas virtuais.

Não será por acaso que Peter Dahlgren (2014) afirme que as redes sociais são plataformas com um grande déficit de democracia, uma vez que funcionam à base da replicação da semelhança e não da promoção da diferença; o que potencia o surgimento de um aparente consenso, plasmado em bolhas sem contestação nas relações entre indivíduos intermediadas por essas plataformas online. José Pedro Zúquete (2022) compara o populismo a um camaleão. Talvez por isso, é que os políticos populistas direcionam o seu discurso quase exclusivamente para os novos média, relegando para um lugar nada relevante os média tradicionais, alterando o ecossistema que tem estado em vigor, relativo ao papel escrutinador dos média.

Em *A expulsão do outro* (2018), Byung-Chul Han sublinha a uniformização da globalização e o esbatimento do 'outro', seja ele qual for. Não vislumbra coisas positivas na disseminação daquilo que é igual e que reage aos estímulos que o capitalismo determina da mesma maneira. Refere que a proliferação do igual, apresentada como crescimento, faz com que o corpo social se torne patológico. No capítulo intitulado "Escutar", vaticina que, no futuro, haverá uma profissão que se chamará "ouvinte", que será pago para ouvir o outro, sendo que a escuta devolve a cada um o que é seu, reconcilia, cura e redime. Han sustenta que a ruidosa sociedade do cansaço é surda, pelo que, em contrapartida, a uma sociedade vindoura poderíamos chamar uma sociedade dos ouvintes e dos que prestam atenção. O que passará por uma revolução temporal que faça com que um tempo totalmente outro comece: redescobrir o tempo do outro. Que será um tempo bom.

Moisés de Lemos Martins assinala que as práticas humanas “estão em relação direta com a temporalidade e têm um tempo local, que é o tempo da experiência”, embora também tenham um tempo contextual, sendo que “entre o tempo da experiência e o tempo contextual anda o tempo da prática” (Martins, 2011, p. 64). O que quer dizer que não será por acaso que Umberto Eco defende a ideia de que, mesmo para os filósofos, as mentiras sejam mais fascinantes do que a verdade, facto que justificou a sua dedicação à semiótica. Para Eco, o que torna os signos interessantes não é servirem para dizer a verdade, mas poderem ser usados para mentir ou falar de coisas que nunca vimos: “Uma linguagem revela a sua importância quando é usada para referir coisas que não estão lá. Na minha coleção não vai encontrar Galileu, mas sim Ptolomeu, porque estava errado” (Leiderfarb, 2015, p. 28-30). Mais a mais, o filósofo, socorrendo-se de Wittgenstein, observa que o que não se pode teorizar deve narrar-se, não tendo dúvidas de que as pessoas preferem a mentira à verdade.

Se não houver medidas tendentes a inverter este *statu quo*, como o incremento da regulação dos média -, a situação pode degradar-se para níveis de difícil recuperação. Mesmo que a

Versão em português de “Circulation systems, emotions, and presenteeism: three views on hate speech based on attacks on journalists in Brazil”, in Di Fátima, Branco (2023). Hate Speech on Social Media: A Global Approach. LabCom Books. DOI 10.25768/654-916-9

indignação, quando exercida pelos cidadãos, continue a contribuir para resolver conflitos e problemas (Innerarity, 2019). O que pode, por outro lado, significar que as redes sociais que ajudaram a abrir o caminho a Bolsonaro, também podem destituí-lo, caso não corresponda às expectativas de quem o elegeu (Fernandes, 2018). O ódio, por seu lado, vai fazendo o seu caminho nas redes sociais e à velocidade da internet.

Agradecimentos a apoio

Parte deste trabalho é financiado por fundos nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito do projeto UIDB/00736/2020 (financiamento base)

Figures 1 & 2



Versão em português de “Circulation systems, emotions, and presenteeism: three views on hate speech based on attacks on journalists in Brazil”, in Di Fátima, Branco (2023). Hate Speech on Social Media: A Global Approach. LabCom Books. DOI 10.25768/654-916-9

At the top, President Jair Bolsonaro displays a poster with the expression “Globo trash”; above, a meme was found on the web after searching for the mention “Globo trash” in the Google search engine. Source: Google

Figure 3

MURILO FAGUNDES
24.jun.2021 (quinta-feira) - 23h59

O presidente Jair Bolsonaro disse nesta 5ª feira (24.jun.2021) que “perdeu a paciência” com a imprensa. Em sua *live* semanal, transmitida em sua página oficial nas redes sociais, o chefe do Executivo disse que “não tem interesse” em conversar com veículos de comunicação definidos por ele como “porcarias”.

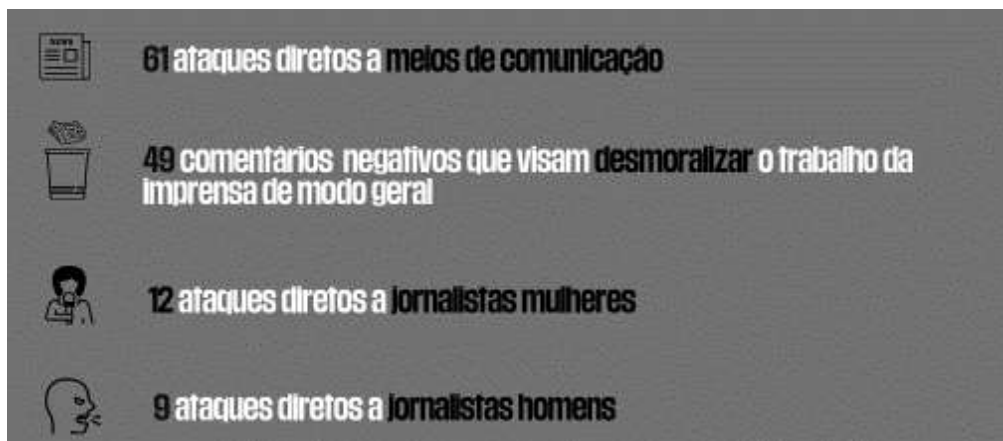
“Dispensou Folha, Globo, Estado de S. Paulo, essas porcarias todas, dispensou. Não quero falar com vocês, não me interessa falar com vocês. Perdi a paciência realmente. Quem não gostar de mim paciência. Querem um mentiroso delicado ou uma pessoa mais grossa um pouco, eu, e verdadeira?”, disse.

Em live, Bolsonaro volta a atacar imprensa e diz ser “grosso e verdadeiro”

Presidente criticou decisão de Gilmar Mendes sobre Lula, “esquerdalha” da Argentina e até João Doria

Source: Poder 360

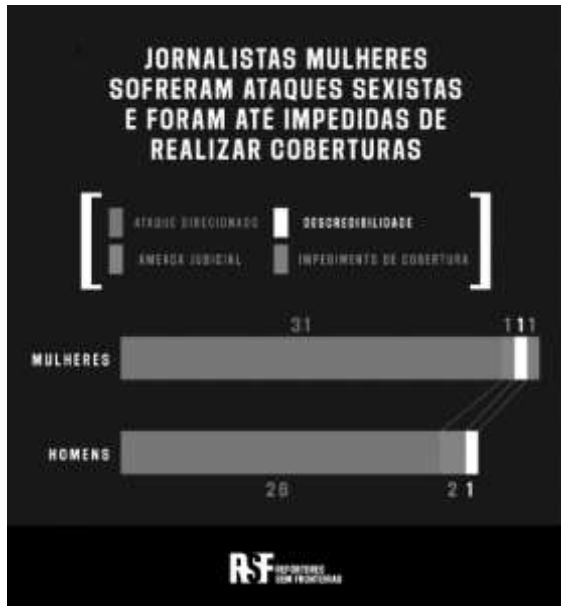
Figure 4



Source: RSF (2021)

Figures 5 & 6

Versão em português de “Circulation systems, emotions, and presenteeism: three views on hate speech based on attacks on journalists in Brazil”, in Di Fátima, Branco (2023). Hate Speech on Social Media: A Global Approach. LabCom Books. DOI 10.25768/654-916-9



Figures 7 to 10

Questionado sobre cheques de Queiroz a Michelle, Bolsonaro diz a jornalista: 'Minha vontade é encher tua boca na porrada'

Presidente não respondeu a perguntas sobre R\$ 89 mil em cheques para primeira-dama, nem sobre movimentações da empresa do filho, senador Rávio Bolsonaro.

Por Pedro Henrique Gomes, G1 — Brasília
23/08/2020 16h32 - Atualizado há 2 anos

'Cala a boca'

Em 5 de maio, o presidente concedeu uma entrevista coletiva na portaria do Palácio da Alvorada e, ao ser questionado sobre agressões cometidas por apoiadores do governo em um ato de enfermeiros, respondeu, aos gritos: "Cala a boca, não perguntei nada!".



Fonte: RSF (2021)

POLÍTICA

Bolsonaro ataca jornalista Amanda Klein após pergunta sobre rachadinha e compra de imóveis com dinheiro vivo: 'Seu marido vota em mim'

Em entrevista à Jovem Pan, presidente disse que pergunta era 'tesoura' e quis associar compra de imóveis a fato da sua vida particular; comentarista argumentou que interesse se devia ao fato de Bolsonaro ser 'pessoa pública' e presidente da República.

Por G1
06/05/2022 16h38 - Atualizado há um mês

Bolsonaro ataca jornalista Vera Magalhães e Tebet e diz que são uma vergonha; veja vídeo

Candidatos ao Planalto nas eleições de 2022 se encaram em evento exibido na Band

RSF REPÓRTERES SEM FRONTAL

SÃO PAULO - O presidente Jair Bolsonaro (PE) atacou a jornalista da TV Cultura Vera Magalhães, que o questionou sobre vacinação.

"Vera, não podia esperar outra coisa de você. Acho que você dorme pensando em mim. Você tem alguma paixão por mim. Você não pode tomar partido num debate como esse, fazer acusações mentirosas ao meu respeito. Você é uma vergonha para o jornalismo brasileiro", disse Bolsonaro exaltado.

Versão em português de “Circulation systems, emotions, and presenteeism: three views on hate speech based on attacks on journalists in Brazil”, in Di Fátima, Branco (2023). Hate Speech on Social Media: A Global Approach. LabCom Books. DOI 10.25768/654-916-9



Attacks perpetrated or encouraged by President Jair Bolsonaro on women journalists. Source: G1, Folha de S. Paulo and UOL

Figure 11

Parlamentares reagem a ataque de Eduardo Bolsonaro a Míriam Leitão

Deputado usou o Twitter para debochar das agressões sofridas pela jornalista na época da ditadura militar.



Cristina Camargo

SÃO PAULO Políticos de diferentes partidos cobraram punição e reagiram à postagem do deputado federal Eduardo Bolsonaro (PL-SP) no Twitter na qual ironiza a tortura sofrida pela jornalista Míriam Leitão, do jornal O Globo, durante a ditadura militar.

O parlamentar compartilhou uma imagem da última coluna de la no jornal e escreveu: "Ainda com pena da [emoji de cobra]".

Míriam foi presa e torturada enquanto estava grávida por agentes do governo durante a ditadura militar no Brasil (1964-1985). Em uma das sessões de tortura, ela foi deixada nua numa sala escura com uma cobra.

Source: Folha de S. Paulo

Referências

Abraji (2022). Ataques contra mulheres jornalistas crescem 250% em setembro. *Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo*. Retrieved from

<https://abraji.org.br/noticias/ataques-contra-mulheres-jornalistas-crescem-250-em-setembro>

Barbalet, J. (2002). Introduction: Why emotions are crucial. *The Sociological Review*, 50(2_suppl), 1-9.

Versão em português de “Circulation systems, emotions, and presenteeism: three views on hate speech based on attacks on journalists in Brazil”, in Di Fátima, Branco (2023). *Hate Speech on Social Media: A Global Approach*. LabCom Books. DOI 10.25768/654-916-9

Béland, D. (2017). What is Populism? Jan-Werner Müller. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2016, pp. 136. *Canadian Journal of Political Science/Revue canadienne de science politique*, 50(2), 633-634.

Betz, H. G. (1993). The new politics of resentment: radical right-wing populist parties in Western Europe. *Comparative politics*, 413-427.

Bourdieu, P. (1997). *Les usages sociaux de la science. Pour une sociologie clinique du champ scientifique*. Versailles: Éditions Quæ.

Braga, J. L. (2012). La política de los internautas es producir circuitos. M. Carlón, & A. Fausto Neto, *Las políticas de los internautas*. Buenos Aires: La Crujía. Casacuberta, D.(4 de Noviembre de 2004). *Internet y la tercera izquierda*. Recuperado el, 12.

Clough, P. T. (2008). The affective turn: Political economy, biomedica and bodies. *Theory, Culture & Society*, 25(1), 1-22. DOI 10.1177/0263276407085156

Clough, P. T., & Halley, J. (Eds.). (2020). *The affective turn: Theorizing the social*. Duke University Press.

Dahlgren, P. (2014). Participation and alternative democracy: social media and their contingencies. In P. Serra; E. Camilo & G. Gonçalves. *Political participation and Web 2.0*. Covilhã: LabCom Books, 61-85.

Damásio, A. (2018). *A estranha ordem das coisas: as origens biológicas dos sentimentos e da cultura*. Editora Companhia das Letras.

Demertzis, N. (2006). Emotions and Populism. In Clarke, S., P. Hoggett and S. Thompson (eds.). *Emotion, Politics and Society*. London: Palgrave Macmillan (103–122). *Europe. Comparative Politics* 25(4): 413–427.

FENAJ (2021). Departamento de Saúde e Segurança. Federação Nacional dos Jornalistas. Retrieved from <https://fenaj.org.br/>

Fernandes, J. (2018, 29 de outubro). “Haddad é Lula” e Bolsonaro ganhou: as redes sociais nas eleições brasileiras. *Público online*. Retirado de <https://www.publico.pt/2018/10/29/mundo/opiniaohaddad-lula-bolsonaro-ganhou-redes-sociais-eleicoes-brasileiras-1849274>

Fieschi, C. (2004). Introduction. *Journal of Political Ideologies* 9(3): 235–240.

Greimas, A. J. (2014). Sobre o sentido II: ensaios semióticos [About the meaning II: semiotic essays]. *EDUSP, São Paulo*.

Versão em português de “Circulation systems, emotions, and presenteeism: three views on hate speech based on attacks on journalists in Brazil”, in Di Fátima, Branco (2023). *Hate Speech on Social Media: A Global Approach*. LabCom Books. DOI 10.25768/654-916-9

Habermas, J. (2014). *Mudança estrutural da esfera pública*. Tradução de Denilson Luís Werle. São Paulo: UNESP.

Han, Byung-Chul. (2018). *A expulsão do outro*. Lisboa: Relógio d'Água.

Hartog, F. (2003). *Regimes d'Historicité: presentisme et experiences du temps*. Paris: Seuil.

Hegel, G. W. F. (2008). *Filosofia da História*. Brasília: Editora Universidade de Brasília.

Jameson, F. (1991). *Postmodernism, or, the cultural logic of late capitalism*. Duke university press.

Leiderfarb, L. (2015, 18 de abril). Entrevista a Umberto Eco. *Expresso* (Revista), pp. 28-33.

Leiderfarb, L. (2020, 10 de abril). "Não simplifiquemos o presente, ao ponto de deixar de o compreender" (entrevista a Javier Cercas). *Expresso*, E, pp. E51-E55.

Mainueneau, D. (2005). Primado do interdiscurso. *Mainueneau, D. Gênese dos discursos*. Curitiba: Criar Edições.

Martins, M. L. (2011). *Crise no castelo da cultura*. Coimbra: Grácio Editor.

McCroskey, J. C., & Beatty, M. J. (2000). The communibiological perspective: Implications for communication in instruction. *Communication education*, 49(1), 1-6.

Neto, A. F. (2019). Política entre ações comunicativas e Circulações Disruptivas. *Rizoma*, 7(2), 10-25.

Observing Memories (2018, November). Interview to Enzo Traverso: About the complexity of the past. *Magazine of the European Observatory on Memories*, second issue [<https://view.joomag.com/observing-memories-2/0021412001544464183>]

Orwell, G. (2021). *1984*. Porto: Porto Editora

Pereira, H. P., & Prado, J. L. A. (2022). *Comunicação em Rede na Década do ódio: Afetos e discursos em disputa na política*. Digitaliza Conteúdo.

Pereira, H. P., & Prates, V. (2020). Propagação do vírus, disseminação do ódio: circulação dos afetos nas fakenews sobre a covid-19. *Rizoma*, 8(1), 10-25.

Lèvy, P. (2000). *Cibercultura*, editora 34, S. Paulo, .

Prado, J. L. A. (2019). *Sintoma e fantasia no capitalismo comunicacional*. Editora estação das letras e cores.

Prado, J. L. A., & da Fonseca Bueno, V. P. (2019). O afastamento de Dilma Rouseff: afetos e discursos em disputa na política. *Revista Famecos*, 26(2), e31913-e31913.

Versão em português de “Circulation systems, emotions, and presenteeism: three views on hate speech based on attacks on journalists in Brazil”, in Di Fátima, Branco (2023). *Hate Speech on Social Media: A Global Approach*. LabCom Books. DOI 10.25768/654-916-9

Prates, V. (2023). O engano, a doença, a morte: como as fake news simularam técnicas canônicas do jornalismo durante a pandemia de Covid-19. In: *Eccom – Educação, Cultura e Comunicação*. Lorena (SP): Fatea, 2023 (NO PRELO).

Rico, G., Guinjoan, M., & Anduiza, E. (2017). The emotional underpinnings of populism: How anger and fear affect populist attitudes. *Swiss Political Science Review*, 23(4), 444-461.

Ricœur, P. (2000). *La mémoire, l'histoire, l'oubli*. Paris: Éditions du Seuil.

Rieffel, R. (2003). *Sociologia dos media*. Porto: Porto Editora.

RSF (2021). Barómetro da Liberdade de Imprensa. *Repórteres Sem Fronteiras*. Retrieved from <https://rsf.org/pt/barometro>.

Soutelo, L. C. (2015). A memória pública do passado recente nas sociedades ibéricas. Revisionismo histórico e combates pela memória em finais do século XX. *Tese de Doutoramento*, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Portugal.

Terada, R. (2001). Introduction: Emotion after the "Death of the Subject". In *Feeling in Theory* (pp. 1-15). Harvard University Press. DOI [10.4159/9780674044296-003](https://doi.org/10.4159/9780674044296-003)

Zilberberg, C., & FontAnILLE, J. (2001). Tensão e significação. *São Paulo: Humanitas*.
Zúquete, J. P. (2022). *Populismo - Lá fora e cá dentro*. Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos.